

## Pacientes com TDAH vivem menos

Pesquisa com mais de 330 mil pessoas no Reino Unido encontrou uma redução de até 11 anos na expectativa de vida de adultos com transtorno de atenção e hiperatividade. A causa estaria na falta de acompanhamento médico e psicológico

» PALOMA OLIVETO

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) está associado à mortalidade precoce, especialmente entre pacientes do sexo feminino, segundo um estudo da Universidade College London, na Inglaterra. A pesquisa, publicada na revista *The British Journal of Psychiatry*, constatou uma redução na expectativa de vida que varia de 4,5 anos (homens) a 11 anos (mulheres). Os resultados baseiam-se em dados de mais de 330 mil pessoas, sendo 30 mil com TDAH diagnosticado.

A pesquisa é observacional, ou seja, não estabelece uma relação de causa e efeito. Os autores, porém, desconfiam de que a mortalidade precoce esteja associada não ao transtorno em si, mas à falta de apoio e tratamento.

Os cientistas destacam que, no Reino Unido, onde o estudo foi conduzido, apenas um terço dos jovens e adultos de 16 anos a 64 anos com TDAH recebem medicamentos ou têm algum acompanhamento de profissionais da saúde mental. Oito por cento dos diagnosticados afirmaram ter buscado ajuda especializada, sem sucesso. Já entre pessoas sem o transtorno, apenas 1% dos que procuraram tratamento psiquiátrico e/ou psicológico no mesmo período ficaram sem recebê-lo.

### Neurobiológicos

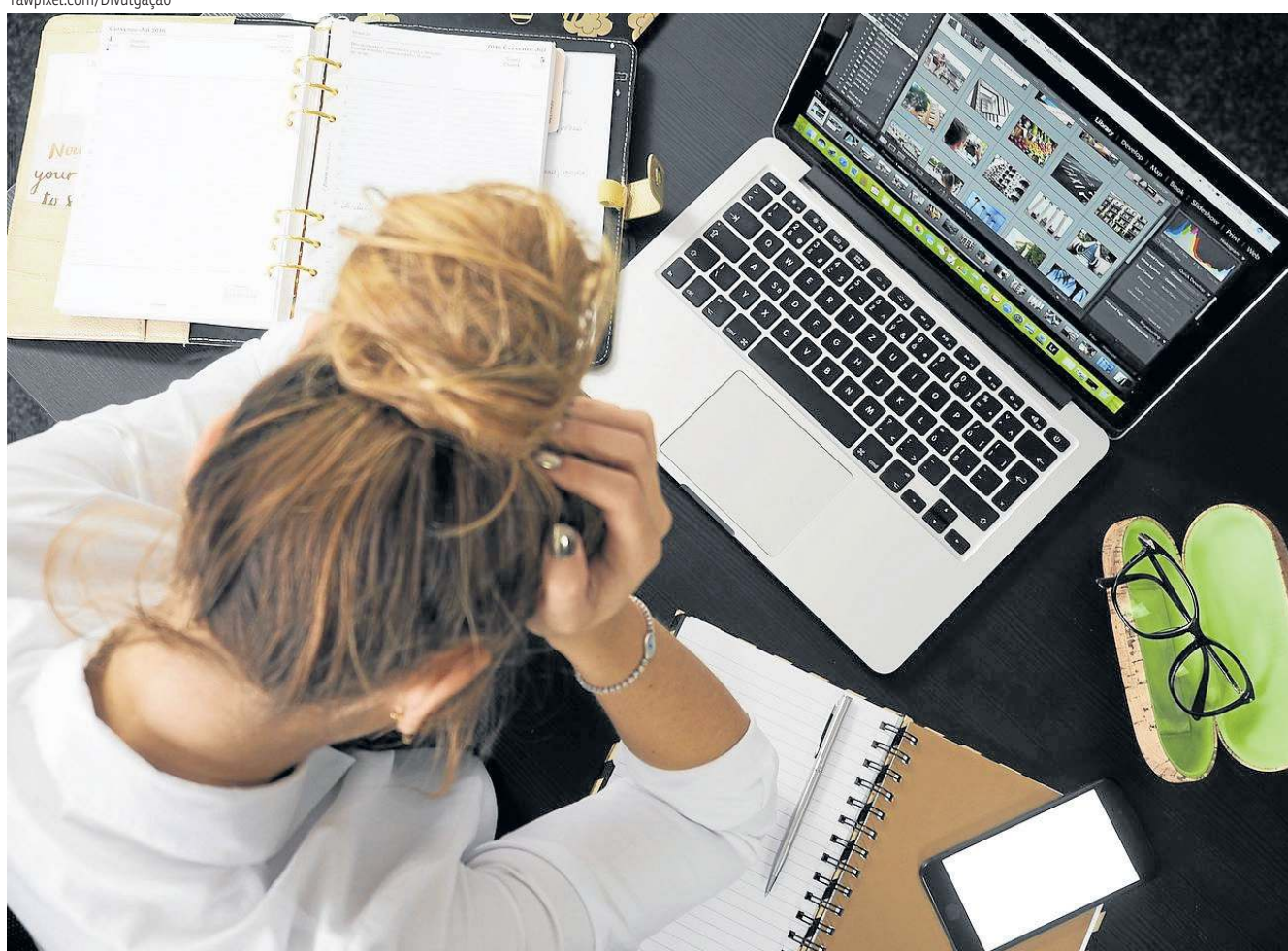
O TDAH tem componentes genéticos e neurobiológicos e caracteriza-se por sintomas como falta de atenção, inquietude e hiperatividade. Embora seja mais associado à infância, 60% dos diagnósticos ocorrem entre adultos, segundo o Ministério da Saúde. No Brasil, a prevalência do transtorno é estimada em 7,6% (6 a 17 anos), 5,2% (18 a 44 anos) e 6,1% (acima de 44 anos). Cerca de 11 milhões de brasileiros são afetados pela condição, de acordo com dados de 2022.

“É profundamente preocupante que alguns adultos com TDAH diagnosticado estejam vivendo vidas mais curtas do que deveriam”, disse, em nota, Josh Stott (UCL Psychology & Language Sciences). “Pessoas com TDAH têm muitos pontos fortes e podem prosperar com o suporte e tratamento certos. No entanto, muitas vezes, eles não têm apoio e são mais propensas a vivenciar eventos estressantes na vida e exclusão social, impactando negativamente sua saúde e autoestima.”

Para o estudo, os autores compararam dados de 30.029 adultos do Reino Unido diagnosticados com TDAH ao de 300.390 pessoas sem o diagnóstico. Após ajuste por idade, sexo e acesso a cuidados primários de saúde, eles descobriram que a redução na expectativa de vida varia entre 4,5 a 9 anos (homens) e 6,5 a 11 anos (mulheres).

Stott explica que pessoas com TDAH concentram a atenção de maneira particular. “Elas geralmente têm muita

rawpixel.com/Divulgação



Com déficit de atenção e hiperatividade, a pessoa tem mais dificuldade de concentração no que considera desinteressante

### Box título

#### Hábitos pouco saudáveis

“As causas precisas da morte precoce ainda não foram confirmadas no estudo, mas sabemos que o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) está associado a maiores taxas de tabagismo, obesidade, doenças cardiovasculares e câncer, entre outros problemas de saúde. Adultos com TDAH são mais propensos a se envolver em hábitos pouco saudáveis, como compulsão alimentar ou tabagismo, e comportamento de risco. Também pode haver ligações

biológicas, com distúrbios autoimunes e outros problemas de saúde física. O TDAH é cada vez mais reconhecido como uma condição séria em adultos, associada a resultados de saúde precários. De particular preocupação são o acesso limitado ao diagnóstico e tratamento, incluindo suporte psicossocial. Até que isso seja resolvido, a menor expectativa de vida demonstrada neste estudo provavelmente continuará.”

**Philip Asherson**, professor de Psiquiatria Molecular do Instituto de Psiquiatria, Psicologia e Neurociência do King's College London, na Inglaterra

energia e capacidade de se concentrar intensamente no que lhes interessa. No entanto, podem achar difícil se concentrar em tarefas mundanas”, diz. As consequências são maiores níveis de impulsividade, inquietação e diferenças no planejamento e gerenciamento do tempo, com diversos impactos negativos.

### Produtividade

“Quando não tratado, o TDAH pode

afetar áreas na vida do paciente, como o resultado e a produtividade no trabalho, relações de amizade, profissionais, familiares e amorosas, assim como diminuir o desempenho nos estudos”, destaca o neurologista, professor e pesquisador Mauro Muzkat, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). “Isso tudo causa baixa autoestima nos pacientes, e os impactos podem desencadear transtornos de humor, como a depressão, transtornos de ansiedade.

Para pessoas com tendências genéticas a outros problemas, como bipolaridade e borderline, o TDAH pode ser o fator desencadeante”, explica.

A neurocientista Wanessa Moreira, mestre em fisiopatologia de clínica médica pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), ressalta que a falta de tratamento pode, inclusive, levar o paciente ao suicídio. “Os pensamentos ameaçadores e as ideias suicidas não vêm do sintoma da falta de atenção, mas acontece principalmente devido ao excesso de ansiedade, dopamina, cortisol, que aumentam os pensamentos impulsivos, intensificando as ideias de sobrevivência, que é um mecanismo instintivo de proteção do indivíduo quando está sob ameaça”, diz.

Segundo os pesquisadores da Universidade College London, o tratamento e o suporte adequados para TDAH estão associados a bons prognósticos, como redução de problemas de saúde mental e de uso de substâncias, uma comorbidade comum na condição. Eles insistem que mais pesquisas são necessárias para explicar a redução na expectativa de vida verificada no estudo. “É crucial que descubramos as razões por trás das mortes prematuras para podermos desenvolver estratégias para preveni-las no futuro”, afirma a principal autora, Liz O’Nions, do Instituto de Pesquisa em Saúde Bradford, no Reino Unido.

### Brincadeiras com armas influenciam o futuro

Pesquisadores da Universidade Rutgers, nos Estados Unidos, descobriram que experiências adversas na infância podem aumentar o risco de envolvimento no uso defensivo de armas na idade adulta. A pesquisa, publicada no *Journal of Psychiatric Research*, usou dados de 3.130 pessoas com acesso a esse tipo de armamento, extraído de uma amostra norte-americana.

Os entrevistados foram questionados sobre suas experiências na infância com abuso e negligência, níveis de desconfiança social e sensibilidade a ameaças percebidas, além de sintomas depressivos e uso autorrelatado de uma arma para autodefesa. Os autores primeiro avaliaram a associação entre vivências adversas nos primeiros anos de vida e o uso de armamentos no futuro.

“Pesquisas que vinculam fatores de risco da infância a problemas mais tarde na vida geralmente negligenciam o papel que fatores situacionais e cognitivos podem desempenhar”, disse Sultan Altikriti, pesquisador de pós-doutorado no New Jersey Gun Violence Research Center e principal autor do estudo. “Tentamos destrinchar os fatores cognitivos pelos quais as experiências da infância afetam o comportamento na vida adulta.”

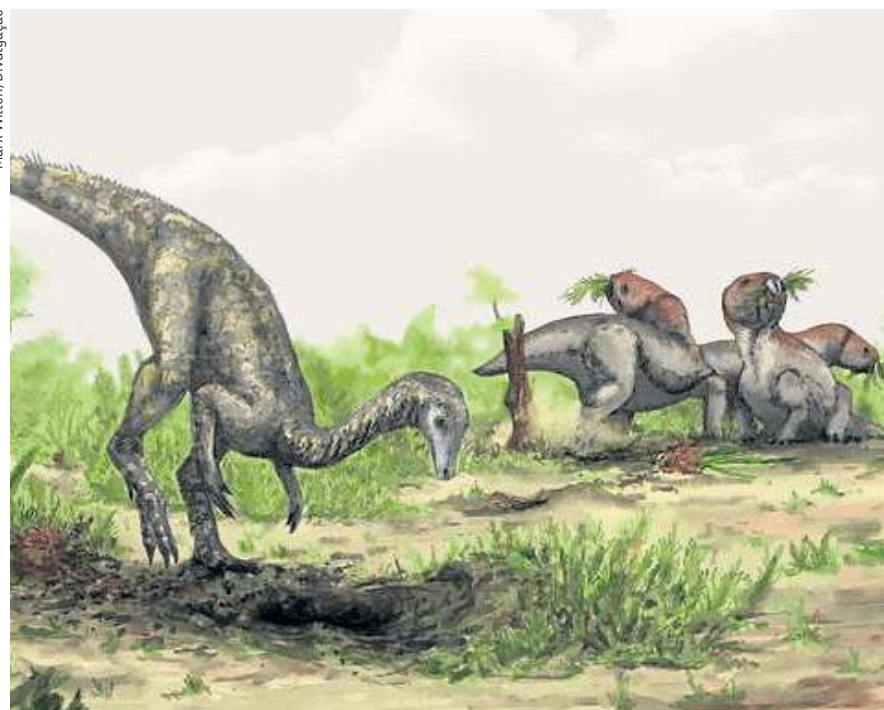
### Ameaça

As descobertas mostraram que as experiências adversas na infância aumentaram os níveis de sensibilidade à ameaça e de depressão na vida adulta. No entanto, apenas a primeira foi associada ao uso defensivo de armas. Análises posteriores sugeriram que se sentir ameaçado explica parte do aumento do risco de uso defensivo de revólveres e pistolas, entre outros.

“A sensibilidade a ameaças de outros e a hipervigilância podem fazer com que as pessoas vejam ameaças onde elas não existem”, disse Altikriti. “Essa sensação de sensibilidade à ameaça pode levar a reações exageradas em situações neutras ou ambíguas, o que pode levar ao uso desnecessário de armas.”

A redução de experiências adversas na infância não apenas reduz o dano imediato e o impacto psicológico, mas pode reduzir o prejuízo cumulativo ao longo da vida de alguém, disseram os pesquisadores. Eles acrescentaram que intervenções que ajudem a lidar com o impacto negativo das vivências ruins podem minimizar os prejuízos na idade adulta. (PA)

### PALEONTOLOGIA



Niyassaurus: o réptil pode ser o primeiro dinossauro conhecido

## Dinossauros escolhiam regiões quentes

Os fósseis dos primeiros dinossauros podem permanecer desconhecidos na Amazônia e em outras regiões equatoriais da América do Sul e da África, sugere um estudo liderado por pesquisadores da Universidade College London, no Reino Unido. Atualmente, os restos mortais mais antigos desses animais extintos datam de cerca de 230 milhões de anos e foram descobertos mais ao sul em países, como Brasil, Argentina e Zimbábue. Porém, os cientistas argumentam que diferenças anatômicas sugerem que os “lagartos gigantes” já estavam evoluindo àquela época, apontando para uma origem milhões de anos antes.

Publicado na revista *Current Biology*, o estudo levou em conta lacunas no registro fóssil e concluiu que os primeiros dinossauros provavelmente surgiram em uma região equatorial quente no que era então o supercontinente Gondwana

— uma área de terra que abrange a Amazônia, a Bacia do Congo e o Deserto do Saara hoje. “Os dinossauros são bem estudados, mas ainda não sabemos realmente de onde eles vieram. O registro fóssil tem lacunas muito grandes”, disse, em nota, o autor principal, Joel Heath.

### Rochas

Segundo Heath, a modelagem sugere que os primeiros dinossauros podem ter se originado no oeste de Gondwana, em baixa latitude. Esse é um ambiente mais quente e seco do que se pensava anteriormente, composto por áreas desérticas e de savana. “Até agora, nenhum fóssil de dinossauro foi encontrado nas regiões da África e América do Sul que formavam esta parte de Gondwana”, esclarece. “No entanto, isso pode ser porque os pesquisadores ainda

não encontraram as rochas certas, devido a uma mistura de inacessibilidade e uma relativa falta de esforços de pesquisa nessas áreas.”

O estudo de modelagem sugere que os dinossauros, assim como outros répteis, podem ter se originado na baixa latitude, antes de se espalharem para o sul de Gondwana e para a Laurásia, o supercontinente adjacente ao norte que mais tarde se dividiu em Europa, Ásia e América do Norte. “Nossos resultados sugerem que os primeiros dinossauros podem ter sido bem adaptados a ambientes quentes e áridos”, comentou Philip Mannion, autor sênior do artigo. “Dos três principais grupos de dinossauros, os saurópodes, que incluem o Brontossauro e o Diplodoco, pareceu manter sua preferência por um clima quente, acomodando-se nas latitudes mais baixas da Terra.”